

## ***Res Amissa e o ter-lugar da linguagem***

Olga de Sá\*  
Nilza de Campos Becker\*\*

O presente estudo trata da poética de Giorgio Caproni, à luz das ideias de Agamben. Em sua obra, Agamben revela-se grande leitor e crítico, não somente da poesia italiana, como também da alemã, na figura de Paul Celan. Em *A Linguagem e a morte*, Agamben menciona *A República* de Platão e reflete sobre a ideia de que a “filosofia se apresenta desde o início como um ‘confronto’ e uma diferença com a poesia” (2006, p. 91). Em *Estâncias*, reafirma a cisão entre poesia e filosofia, entre palavra poética e palavra pensante.

A poesia de Caproni difere, em grande escala, da arte praticada por dois italianos, que poderiam ser considerados seus antecessores: Giuseppe Ungaretti e Eugenio Montale.

A produção literária denuncia a busca do poeta por um *tópos*, cuja definição desconhece, mas prefere chegar lá sozinho, permanecer no silêncio e fazer desse novo e desconhecido lugar sua morada.

É pela via poética que Caprone vai em busca do ter-lugar da linguagem, ou seja, sua infância, onde tudo começou. Trata-se de um local, indefinível por natureza, onde o poeta pretende ancorar sua poesia, isenta de rótulo, de status definido, tão somente possibilidade, potência pura do querer-dizer.

---

\* Profª Drª Faculdades Integradas Teresa D’Ávila – FATEA – Lorena, SP, Brasil, [olgasa@fatea.br](mailto:olgasa@fatea.br)

\*\* Mestre pelo PEPG em Literatura e Crítica Literária da PUCSP; Doutoranda Universidade de São Paulo – USP – São Paulo, SP, Brasil, [nzcb@hotmail.com](mailto:nzcb@hotmail.com)

Uma pergunta se coloca nessa pesquisa: esse lugar, almejado pelo poeta, seria o da infância da linguagem, o do silêncio? Do nada? Na poesia *Despedida do viajante cerimonioso*, o poeta convida todos a prosseguirem viagem, enquanto permanece num lugar, onde a ausência é a palavra-chave, seja ela ausência do divino ou do homem.

Essa ideia é expressa por Caproni, nos últimos versos de *Despedida do viajante cerimonioso*.

Despeço-me da sabedoria  
e despeço-me do amor.

Também da religião.  
Cheguei a meu destino.

Agora que mais forte sinto  
o chiar do freio, deixo-os  
de verdade, amigos. Adeus.  
Disto estou certo: eu  
cheguei ao desespero  
calmo, sem inquietação.

Desço. Boa continuação (2011, p. 161).

Para Cláudio Oliveira, Agamben utiliza o termo “ter-lugar da linguagem” para dar continuidade às questões referentes ao conceito de infância, desenvolvidas em *Infância e História* (2008, p. 122). Posteriormente, o filósofo introduz o termo *Experimentum linguae*, para designar uma experiência da própria linguagem. “É a partir da categoria de ter-lugar [...] aplicada à linguagem que Agamben se permitirá ler a noção de enunciação em Benveniste”, prossegue Oliveira. E é por intermédio dos pronomes e de outros indicadores da enunciação que a linguagem tem lugar.

Sendo assim, na acepção de Oliveira (2008, p. 123), a categoria de ter-lugar da linguagem torna possível a Agamben a releitura da linguística e da Filosofia ocidental, pois, para o filósofo, o problema do ser passa a ser tratado como o problema do ter-lugar da linguagem.

A nosso ver, essa teoria do ser e da linguagem pode ser sub-repticiamente perceptível em *Res amissa*.

*Res amissa* é o nome de uma coletânea de versos, de autoria de Giorgio Caproni, que inaugura uma nova fase do escritor. É também o título de um poema, em cujo manuscrito o poeta revela ser esse o tema de seu novo livro. Nele, Caproni fala sobre a Besta (o Mal), em suas diferentes formas e metamorfoses. *Res amissa* pertence à última

fase artística do poeta, por meio da qual deixa entrever o exercício da poesia como experiência poética e filosófica. Nela, o poeta busca o ter-lugar da linguagem, que não é o da transcendência, mas o lugar da negatividade.

Em *Res amissa* o poeta faz uso, logo no início da primeira estrofe, de *dela*, contração de *de* + o pronome *ela*. Ora, Benveniste define os pronomes como termos que remetem à instância do discurso; inicialmente, aparecem como signos vazios, para depois tornarem-se plenos.

Percebemos em *dela*, a passagem de signo vazio a pleno, pois essa contração é indicadora de enunciação. Remete à instância do discurso e pode referir-se à graça, assim como à origem da palavra poética.

Assim se expressa Caproni nesse poema:

Dela não encontro traço  
.....  
Veio me ver a fim  
(disso tenho certeza)  
de dar-me de presente.  
.....  
Dela não mais encontro traço. (2011, p. 357).

O poema se encerra da seguinte forma:

(Não pode  
- nada pode – dar resposta.)  
.....  
.....  
Não mais espero encontrá-la  
.....  
Com demasiado cuidado.  
(irrecuperavelmente) a guardei. (2011, p. 361).

As reticências, características da fase tardia de Caproni, é um recurso utilizado quando a tradicional consistência métrica acha-se reduzida. A singularidade caracteriza os versos de Caproni. Não submissos a regras, a teorias, os versos se expandem, devorados pelo *enjambement*, instaurando a prosa na poesia e vice-versa.

*Enjambement* é um termo francês usado para designar um processo poético que consiste no desalinhamento da estrutura métrica e sintática de uma composição, em que os versos se sucedem entre si sem pausa no final de cada um. Embora amplamente utilizado pelos poetas renascentistas e maneiristas, é só a partir de André Chenier (1764-1811) que o processo se torna bem recebido pelos poetas.

Para Agamben, o *enjambement* é o único critério para distinguir a prosa da poesia: seria a oposição entre um limite métrico e um sintático, uma pausa prosódica e uma semântica.

O *enjambement*, em Caproni, destaca a oposição entre som e sentido. Os versos se encadeiam, às vezes formando rimas, às vezes contendo explicações que podem aparecer entre parênteses. Em outras ocasiões, o fim do poema acaba privilegiando o sentido, com respostas e conclusões.

Em Caproni, o fim do poema não conhece a crise; ao contrário, é rico em sentido e som, cada qual disputando a prevalência, dando ao poema um estatuto indefinido, cuja identidade oscila entre prosa e verso.

Segundo Agamben, a poesia de Caproni acha-se marcada pela *ateologia poética da modernidade*, que representa a despedida da terra, da esperança, uma parada casual, mas sem volta, a um vazio, onde não há lugar nem para o humano, nem para o divino.

Para Eduardo Sterzi (2011), a participação de Giorgio Caproni na literatura do século XX é vista como uma “história subterrânea”, em que o poeta define sua incursão pela linha ateológico-filosófica, ao mencionar a *alegria indizível* de experimentar a “solidão sem Deus”. (Agamben, 2011, p. 30)

A respeito dessa mesma coletânea, Pietro Citati, crítico italiano, considera que Caproni consegue alcançar *o lugar definitivo, de sua mente* quando o caçador chega ao lugar onde permanecerá, que se limita com três reinos: o dos Mortos, o do Outro e o do Vazio. Não chega a ultrapassar o limite, talvez por temer a verdade absoluta, de que além, não há mais nada, ou a terra onde se encontra é igual à nossa.

Em Gênova, o poeta tece o primeiro esboço do poema *Generalizando*, em que já faz referência ao dom recebido: a GRAÇA. Nesse poema, ele potencializa o tema a ser tratado no livro que pretendia escrever.

### *Generalizando*

Todos recebemos um dom.  
Depois, não mais lembramos  
de quem nem do quê.  
Apenas dele guardamos  
- pungente e sem remissão –  
o espinho da saudade. (CAPRONI, 2011, p. 297)

O tema do livro idealizado por Caproni seria o Mal e suas variações, suas metamorfoses. Haveria uma contraposição entre o Bem e o Mal. Este seria representado

pela Besta e o Bem seria a Graça, sujeita à perda, pelo homem. Daí o tema de um livro de Agamben: *A coisa perdida*. Afirma Caproni que existe uma graça amissível (do latim *amittere*), passível de amissão e que justifica o título do poema *Res amissa*, sou seja, coisa perdida. Esse termo teria sido extraído de um dicionário chamado Palazzi; o tema introduz delicados problemas teológicos e éticos.

A questão da amissibilidade da Graça é tratada, pela primeira vez, por Agostinho, em *Da Natureza e Graça*. Agamben é leitor e apreciador de sua obra.

Esse tema é motivo de discussão entre Agostinho e Pelágio, que divergem em relação à importância do pecado original para o homem. Pelágio acredita no homem e em sua vocação para o Bem. Professa a ideia de que a humanidade não deve pagar pelo pecado de Adão. Agostinho, entretanto, teme pela natureza humana e seu aspecto dual e afirma o caráter amissível da Graça, cuja perda pode ocorrer por causa do pecado.

Caproni, conforme Agamben (2011, p. 27), leva a tese de Pelágio ao extremo: já que a Graça está infundida na natureza humana, torna-se, portanto, para sempre, inapropriável. Funde, na figura da *res amissa*, graça e natureza. Isso provoca um deslocamento e uma mudança de sentido.

Para Agamben, a ateologia poética da modernidade surge com o poeta Hölderlin, no início do século XIX, em *Vocação de Poeta*:

E de nenhuma dignidade ele [o poeta] precisa, e de nenhuma arma, enquanto o Deus não falta (HÖLDERLIN, apud AGAMBEN, 2011, p.29).

Hölderlin dá um novo estatuto a esses versos:

E não precisa de nenhuma arma, e de nenhuma astúcia, até quando a falta de Deus ajudar. (HÖLDERLIN, apud AGAMBEN, 2011, p.29).

Segundo Agamben, Hölderlin alia o niilismo a uma prática poética, dando lugar a uma paisagem fantasmagórica que presencia a queda do divino e do humano, em um lugar qualquer, sem sujeito nem transcendência. Para Hölderlin, há aqui uma traição do sagrado, que se caracteriza pela ausência e omissão.

A poesia torna-se um laboratório, de onde surgem figuras para-humanas ou subdivinas:

- O semideus hölderliniano
- O Dionísio de Nietzsche

- O anjo e a boneca de Rilke
- O Odradek kafkiano

A poesia torna-se assim, o palco de uma experiência de “desobjetivação e de desindividuação”, em que desfilam figuras delirantes (Agamben, 2011, p. 29).

No segundo Caproni, conforme a classificação de Agamben, a memória de humanos e divinos se esvai, instaurando um clima angustiante, fazendo despertar, paradoxalmente, uma indizível alegria sem Deus. A Besta do Conde, embora possa causar danos, não chega a ser propriamente uma alegoria do Mal, mas “uma cifra da vida e da linguagem” (2011, p. 31) e a consciência da perda de todas as liberdades.

A Besta e a *res amissa* perdem a individuação e passam a ser faces da desapropriação de um mesmo dom. Para o filósofo italiano, Caproni é o poeta contemporâneo que exprime de forma singular o novo *ethos*, ou seja, o novo espaço dos desabitantes da terra.

Para Agamben, não existe uma definição satisfatória para o verso, exceto quando é colocada em evidência sua identidade em relação à prosa, pela possibilidade do *enjambement*. É preciso lembrar que a prosa também possui ritmo e se pode levar em conta o número de sílabas. A diferença entre poesia e prosa é que a poesia é um discurso em que se pode opor um limite métrico a um sintático. Se o *enjambement* não está presente no verso, pode-se falar em *enjambement zero*. A prosa é um discurso em que o *enjambement* não é possível.

Na poesia de Caproni, a tradicional consistência métrica do verso sofre uma redução. Na fase tardia do poeta, acentuam-se as reticências, que atestam a impossibilidade de desenvolver o tema prosódico para lá de seu núcleo constitutivo.

Em *A ideia da prosa*, Agamben reitera que o *enjambement* traz “à luz o andamento originário, nem poético, nem prosaico, mas, por assim dizer, bustrofédico da poesia, o essencial hibridismo de todo discurso humano” (1999, p. 32).

Acrescenta o filósofo que

Platão, recusando as formas tradicionais da escrita, nunca perde de vista aquela ideia da linguagem que, de acordo com o testemunho de Aristóteles, não era, para ele, nem poesia, nem prosa, mas o meio termo entre as duas (1999, p. 33).

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Ideia da Prosa*. Trad. João Barrento. João Lisboa: Cotovia, 1999.

\_\_\_\_\_. *O Fim do Poema*. Trad. Sérgio Alcides. In: CACTO, agosto, 2002. p. 142-149.

ALMEIDA, Amarildo Fernando. Pelágio & Pelagianismo. Liberdade & Graça.

\_\_\_\_\_. *A linguagem e a morte*. Um seminário sobre o lugar da negatividade. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

\_\_\_\_\_. *Estâncias*. A palavra e o fantasma na cultura ocidental. Trad. Selvino José Assmann. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

\_\_\_\_\_. *Infância e História*. Destrução da experiência e origem da história. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2008. Disponível em:

[[http://www.pucminas.br/imagadb/documento/DOC\\_DSC\\_NOME\\_ARQUI20060607103635.pdf](http://www.pucminas.br/imagadb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20060607103635.pdf).] Acesso em 19/03/ 2013

\_\_\_\_\_. Desapropriada maneira. In: BERNARDINI, A. F. (org e trad). *A coisa perdida*. Agamben comenta Caproni. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011, p. 25-40.

BERNARDINI, Aurora Fornoni. Nota introdutória. In: BERNARDINI, A. F. (org e trad). *A coisa perdida*. Agamben comenta Caproni. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011, p. 11-24.

CAPRONI, Giorgio. Poemas. In: BERNARDINI, A. F. (org e trad). *A coisa perdida*. Agamben comenta Caproni. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011, p. 41-361.

OLIVEIRA, Cláudio. A linguagem e a morte (1982). In: PUCHEU, Alberto (org). *Nove abraços no inapreensível*. Filosofia e arte em Giorgio Agamben. Rio de Janeiro: Azougue, 2008.

STERZY, Eduardo. *Resenha de A coisa perdida*. Agamben comenta Caproni.

Disponível em: [<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2011/05/28/resenha-de-coisa-perdida-agamben-comenta-caproni-382974.asp>.] Acesso em: 19/03/2013.

*Data de submissão: 10/04/2013*

*Data de aprovação: 03/05/2013*